

**AS DISPUTAS FUTEBOLÍSTICAS ESTUDANTIS: PRÁTICAS CULTURAIS QUE MARCARAM  
O CONTEXTO ESCOLAR E URBANO PELOTENSE ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A 1960.**

*Student football disputes: cultural practices that marked the school and urban environment  
in the city of Pelotas between the decades of 1930 to 1960.*

Giana Lange do Amaral<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente trabalho analisa o significado e os desdobramentos das disputas futebolísticas entre os alunos dos Colégios Pelotense e Gonzaga - os Pe-Gon's - no contexto sócio-cultural de Pelotas, nas décadas de 1930 a 1960, época de explícitas rivalidades que refletiam o conflito vinha ocorrendo em nível nacional entre os princípios educacionais do ensino laico (não confessional) e do ensino católico.

**Palavras-Chave:** práticas discentes, disputas futebolísticas, cultura escolar, cultura urbana.

**ABSTRACT**

This paper examines the meaning and ramifications of the football disputes between the students of the Pelotense and Gonzaga schools – the Pe-Go's- in the socio-cultural context of Pelotas in the decades from 1930s to 1960s - the time of explicit rivalry that reflection of the conflict occurring in Brazil between the educational principles: secular teaching (non-denominational) and Catholic teaching.

**Key-Words:** students practices, football disputes, school culture, urban culture.

O presente trabalho faz parte de um estudo que analisa aspectos que sustentam as diferenças ideológico-educacionais existentes em duas das mais antigas Instituições Escolares da cidade de Pelotas: o Colégio Gonzaga, criado pelos jesuítas em 1894, e o Colégio Pelotense, fundado pela Maçonaria em 1902 como uma alternativa de ensino laico de qualidade que se contrapusesse ao ensino ministrado no Gonzaga. Em 1917 o Pelotense foi municipalizado, porém continuou sob influência da Maçonaria.

A partir da década de 1930, o clima de disputa ideológica que havia entre a Igreja Católica e a Maçonaria foram transferidos de forma peculiar para os alunos do Pelotense e do Gonzaga por meio de atividades desenvolvidas pelo corpo discente das duas escolas. Nas passeatas, festivais de música e teatro, produção de revistas e jornais e nos jogos de futebol, era manifestada, muitas vezes de forma pouco pacífica, esta rivalidade. O significado e os desdobramentos dessas disputas no contexto sócio-cultural da cidade

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: giana@ufpel.edu.br

de Pelotas é a principal questão a partir da qual se desenvolve esse trabalho que enfatiza as décadas de 1930 a 1960 - época de explícitas rivalidades entre as duas escolas; reflexo, também, da disputa que vinha ocorrendo no Brasil entre os princípios educacionais que as sustentavam: o ensino laico (não confessional) e o ensino católico.

Dessa forma esse estudo busca um enfoque que privilegie as ações dos sujeitos, através da sua apropriação e do uso que fazem das formas culturais, ou seja, de suas *representações*. *Representações*, que segundo as formulações de Roger Chartier, são “*práticas culturais*”, isto é, são estratégias de pensar a realidade e construí-la (Burke, 1992, p. 34).

Também fundamento minhas análises sobre a *ação dos sujeitos* a partir das idéias desenvolvidas por Pierre Bourdieu. Para esse autor cada grupo social possui um *habitus*, que é a propensão de seus membros para selecionar respostas frente a um repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo. O conceito de *habitus* é empregado pelo autor, portanto, como

[...] o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e ações característicos de uma cultura”. O *habitus* funciona no nível prático como categoria de percepção e apreciação, como princípio organizador da ação, sendo caracterizado como um sistema de “disposições adquiridas, variáveis segundo o lugar e o momento (Bourdieu, 1990, p. 21).

São disposições socialmente construídas que possibilitam ações criadoras, ativas, inventivas de parte dos sujeitos, considerados como agentes ativos. Sobre a *análise das instituições* educacionais utilizo autores ligados à História Cultural, como Chartier e Certeau que, por sua vez, embasam textos escritos por Antônio Nóvoa e Justino Magalhães.

Busco caracterizar a produção de um *habitus* específico comum aos alunos que estudaram nestas escolas - os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas<sup>2</sup> - e que se torna bastante nítido a partir da década de 1930. São valores, atitudes, posturas, sentimentos e idéias compartilhados por muitos daqueles que passaram por estes educandários e que, percebe-se, são nitidamente diferenciados. Eles resultam das *táticas de apropriação* e das *estratégias de imposição* de modelos culturais, ou seja, da forma pela qual os indivíduos reinterpretem e se utilizam de modelos culturais impostos e que estão em circulação num determinado momento (Certeau, 1994).

Os impressos, especialmente os jornais, se constituíram em uma fonte fundamental na coleta de dados, pois possibilitaram uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos, e uma real aproximação dos discursos emitidos na época em relação ao projeto de sociedade, bem como às instituições sociais, e dentre elas, à escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> *Gato Pelado* é o apelido dado aos alunos do Colégio Pelotense, assim como *Galinha Gorda*, aos do Gonzaga. Tais denominações originam-se das iniciais “GP” de Ginásio Pelotense e “GG” de Ginásio Gonzaga e, ao mesmo tempo, de uma suposta alusão a alunos oriundos de famílias de origem “plebéia” e àqueles de origem mais abastada e aristocrática.

<sup>3</sup> Sobre o uso de periódicos como fontes para estudos históricos ver LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. p. 111 a 153 In: PINSKI, C. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo. Ed. Contexto, 2005

Nesse sentido, Chartier (1992) enfatiza que os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lerem os textos com os quais trabalham, pois eles *“afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias”* Chartier (1992, p. 18).

Portanto, na utilização destes dados, deve estar sempre presente a compreensão de que o impresso não é neutro e imparcial diante dos acontecimentos, informações e concepções. Ele serve *“como instrumento veiculador e manipulador de interesses públicos/privados, políticos/empresariais, culturais/ideológicos. Como instrumento veiculador e manipulador, está, portanto, destinado a atuar na vida social”* (Araújo, 1998, p. 65).

No entanto, ao materializar aspectos ideológicos que conferem a identidade de determinados grupos sociais, o impresso utilizado como fonte de pesquisa, pode desencadear novas idéias que ampliam o sentido dos fatos estudados.

Nesse estudo, as fontes foram entrecruzadas e comparadas, não com o objetivo de buscar os fatos considerados “verdadeiros”, mas sim no sentido de perceber as diferentes versões para os acontecimentos. Considero que desta forma possibilita-se o surgimento de aspectos subjacentes aos registros oficiais, criando-se novos caminhos que conduzem, tanto à busca de outras fontes, como também à própria interpretação dos achados.

Cabe ressaltar que, no caso das instituições escolares que venho estudando, os jornais locais trazem, também, importantes informações sobre o cotidiano das escolas: as suas atividades curriculares, as comemorações, e até as notas dos alunos e a trajetória de vida pessoal e profissional de professores e ex-alunos.

### Pe-Gon, o clássico estudantil da cidade

As disputas futebolísticas entre os Colégios Pelotense e Gonzaga, que ficaram conhecidas na cidade como Pe-Gon’s, marcaram a vida esportiva de Pelotas, principalmente entre as décadas de 1930 e 1960. Elas estão fartamente documentadas nas atas de reuniões dos Grêmios, na imprensa diária local e nos periódicos estudantis.

Como se pode observar pela nota em um jornal local, bem antes da década de 1930 já existiam competições entre as duas escolas: *“- ‘Foot-Ball’: teve lugar, ontem, no ‘ground’ do Sport Club Pelotas, o ‘match’ entre os ‘teams’ infantis dos Gymnasios Pelotense e Gonzaga. O jogo teve grande entusiasmo de ambas as partes. [...] o resultado foi zero a zero”* (Correio Mercantil, 02.12.1911). Assinala-se que esse jogo, provavelmente, tenha sido um dos primeiros Pe-Gon’s.

Nessa época, diante da inexistência dos grêmios estudantis, os jogos de futebol entre as duas escolas, nos anos vinte, eram organizadas pelo Sport Club Gonzaga e o Sport Club Pelotense, também do mesmo período. Eram entidades estudantis que possuíam diretoria própria, eleita todos os anos, e que não eram necessariamente constituídas somente por alunos.

Até a década de 1960, as maiores disputas esportivas entre o Pelotense e o Gonzaga ocorriam nos campos de futebol, embora houvesse, também, competições em outras modalidades de esportes como basquete, voleibol, atletismo e xadrez. Mas eram nos jogos de futebol que se podia nitidamente constatar a rivalidade entre os dois estabelecimentos escolares. Rivalidade esta que não era demonstrada somente pelos alunos, mas por toda a comunidade escolar que eles representavam, e que acabava por dividir a própria comunidade pelotense. A defesa das cores dos dois colégios não se limitava, portanto, somente aos membros de cada escola. Havia uma efetiva participação da população da cidade nos jogos, junto às torcidas e nos posteriores debates que dividiam opiniões sobre os dois times. A cada jogo que ocorria, esse era um assunto que ganhava destaque nos cafés, nos bares, nas emissoras de rádio e nos jornais locais.

Daí decorre, portanto, o significado da análise de tais disputas frente aos objetivos desse trabalho, uma vez que buscar-se-á o significado dessas práticas esportivas considerando-as como práticas culturais de um contexto escolar e urbano. Contexto esse permeado pela influência maçônica na cidade e pelos desdobramentos da crescente organização e influência político-ideológica da Igreja Católica em nível nacional e local. E que tinha, também, como pano de fundo, marcadamente a partir da década de 1930, o conflito entre os defensores do ensino público e do ensino privado, em sua maioria, católico.

Os jogos eram previamente combinados entre os representantes das duas equipes. Além do local, horário, juiz, regras específicas para o jogo, os alunos determinavam, também, a destinação dos valores recolhidos na bilheteria, os times convidados para jogar a partida preliminar, a localização das torcidas, o troféu e as medalhas a serem distribuídas aos vencedores. Era comum que nos Pe-Gon's se realizasse o “melhor de três”, ou seja, ocorriam três partidas de futebol, geralmente no final do ano, e as medalhas, os troféus e os prêmios eram entregues somente no último jogo ao time campeão. No período entre os jogos havia muitas notícias e debates, veiculados pela imprensa diária e estudantil, sobre o condicionamento físico e preparo técnico dos atletas e, logicamente, sobre a organização das duas torcidas.

Em alguns anos o Pe-Gon não chegou a ocorrer em função da falta de acordo entre os alunos das duas escolas. Por vezes havia descontentamento em relação à condução ou resultado final de alguma partida já realizada. Também não se pode negar o fato de que, enquanto não ocorresse um novo Pe-Gon, o vencedor da última partida continuava a manter o seu título de campeão, o que obviamente, levava esse time a protelar um novo jogo. Houve períodos em que um ou outro colégio não contava com um time competitivo, que realmente estivesse à altura de defender as suas cores. Também havia muita desconfiança por parte do Grêmio do Pelotense (que a partir do final da década de 1930 incorporou o Esporte Clube Pelotense e passou a representar o time do futebol desse Ginásio) nas negociações com o Esporte Clube Gonzaga, onde participavam também representantes do corpo docente daquele Ginásio. Os acertos dos jogos somente com representantes dos alunos do Gonzaga eram, geralmente, uma constante reivindicação dos alunos do Pelotense.

Uma prática comum não só no Pelotense e no Gonzaga, mas em outras importantes escolas do Estado, era a contratação de jogadores de futebol da primeira divisão. Segundo Parmagnani e Ruedell (1995, p. 145), no Colégio Rosário, de Porto Alegre, por exemplo, jogavam futebolistas do Grêmio, Internacional, Cruzeiro e Força e Luz. Nos times dos dois estabelecimentos escolares de Pelotas, jogavam atletas de importantes times locais como o Brasil, o Pelotas, o Farroupilha e o Bancário.

Tal fato criava polêmicas que extrapolavam os muros dos dois colégios e envolviam os aficionados pelo esporte e/ou por um ou outro estabelecimento escolar. Foram brigas que perduraram por décadas. Um impasse que via de regra se estabelecia: os jogadores que somente se matriculavam na escola para fazer parte de seu time, mas que não assistiam às aulas, podiam ser incluídos nos times? Nos jornais, as escolas que não venciam o campeonato, denunciavam sua desvantagem quando, no time adversário, o número de “jogadores-alunos” superava o de “alunos-jogadores”. Alegavam que a vitória não era do estabelecimento de ensino, uma vez que em seu time predominavam alunos infreqüentes nas aulas. A vitória seria, sim, dos clubes de futebol aos quais esses “alunos” pertenciam. E essa situação pode-se constatar tanto do lado do Pelotense quanto do Gonzaga.

Sendo assim, era bastante difícil a escolha de um desportista da cidade que se dispusesse a manter a necessária neutralidade e imparcialidade, para servir de juiz nessas partidas de futebol. Ao que tudo indica era inevitável à maioria dos pelotenses a identificação não só com as cores dos alvi-rubros Galinhas Gordas e dos alviverdes Gatos Pelados, mas com o que esses estabelecimentos escolares representavam junto à comunidade, ou seja, os valores ligados ao catolicismo e ao laicismo.

### **Pe-Gon, o “campo de lutas” que alicerçou identidades**

Um exemplo de uma das famosas polêmicas envolvendo o Pelotense e o Gonzaga, ocorreu em junho de 1935, quando alguns desentendimentos acabaram sendo transpostos para os jornais locais. O professor, Irmão Estevão, representando o Gonzaga, e os representantes do Grêmio do Pelotense tornaram públicos, de forma bastante agressiva, seus descontentamentos em relação à condução de uma partida realizada entre as escolas. Tal fato fez com que ambos, através da imprensa, além de trocarem insultos, remetessem à memória de jogos realizados na década anterior. No Diário Popular de 14.06.1935, o então aluno do Pelotense, Alcides de Mendonça Lima que, posteriormente, foi o primeiro presidente da Associação dos Antigos Alunos do Ginásio Pelotense e também diretor do Colégio de 1948 a 1951, referia-se a jogos entre o Pelotense e o Gonzaga que ocorreram em 1924, 1925 e 1926, em que, diferentemente do que vinha sendo veiculado pelos jornais locais, o Pelotense havia sido vitorioso. Ele lembra, inclusive, que naquela época já era comum que jogassem nos times dos dois ginásios, alunos pertencentes aos clubes de futebol da cidade. É interessante observar como em várias ocasiões em que ocorreram essas tradicionais disputas futebolísticas, a condução dos jogos, bem como as vitórias e as derrotas dos dois times, vinham à tona através da imprensa, mesmo tendo passado muitos anos.

Esse episódio além de ter resultado no corte das relações esportivas entre o Pelotense e o Gonzaga por alguns anos, veio a fortalecer o “espírito Gato Pelado”. Coincidência ou não, um mês após a fatídica partida de futebol, quando os ânimos ainda estavam bastante acirrados e a população local continuava a acompanhar a troca de insultos entre o professor do Gonzaga e os membros da diretoria do Grêmio do Pelotense, foi lançada a idéia de que se criasse um dia dedicado aos estudantes do Pelotense - o “Dia do Gato Pelado”.

Portanto a melhor arma criada nessa “guerra” foi o “Dia do Gato Pelado” que, obviamente, foi muito bem aceito por todo o corpo docente. Muito em função de ter sido instituído oficialmente no dia 14 de julho, em homenagem aos ideais preconizados pela Revolução Francesa e que eram referência ao espírito liberal, maçom e anticlerical que ainda predominava no Pelotense. A partir de então, nesse dia, foi determinado feriado na escola e, como parte comemorativa dos festejos de seu dia, os Gatos Pelados passaram a realizar uma passeata humorística pelas ruas da cidade. A passeata, que se tornou uma tradição por sua irreverência, tinha, dentre outros, um alvo certo: o Colégio Gonzaga. E é lógico que a partir da realização dessas passeatas, os ânimos entre Gatos Pelados e Galinhas Gordas tornaram-se ainda mais acirrados.

Realmente, não há como negar que muitas das tradições estudantis das duas escolas estão ligadas às competições futebolísticas. Os próprios apelidos “Gato Pelado” e “Galinha Gorda” nasceram no início da década de 1930, nos campos de futebol, quando os times rivais, tentando diminuir seus adversários, utilizavam-nos pejorativamente.

É provável que os gonzagueanos tenham denominado, inicialmente, os alunos do Pelotense, de Gatos Pelados. E esses em revide alcunharam os alunos do Gonzaga de Galinhas Gordas. Mas uma coisa é certa: através dos tempos, com muito mais orgulho, os Gatos Pelados se assumiram como tais, fazendo com que surgisse, inclusive, o “*espírito Gato Pelado*”, ou seja, *um espírito de pertença à comunidade escolar do Colégio Pelotense*. Como afirma Darcy Rebelo, aluno dessa época, “o nosso apodo começou ofensivo, mas nós o transformamos num símbolo” (AMARAL, 2002, p. 90).

Após os desentendimentos de 1935, somente voltou a acontecer um novo Pe-Gon em 1938. Através de negociações entre comissões de alunos do Gonzaga e do Pelotense, conseguiram chegar a um denominador comum, realizando partidas pelo sistema “melhor de três”. Esses jogos, segundo a imprensa, constituíram-se em espetáculos inéditos, representando, pelo preparo técnico dos jogadores e animação das torcidas, os maiores acontecimentos futebolísticos do ano.

Como se pode constatar a seguir, este fato empolgou de forma especial os meios estudantis e esportivos da cidade:

A alegria que tal notícia traz, ainda é maior quando se sabe que já há quase quatro anos não se realiza uma partida de futebol entre os alunos destes dois estabelecimentos de ensino. Durante os dois últimos anos diversas negociações foram tentadas, ora por um, ora por outro dos velhos rivais esportivos, mas que, infelizmente não tiveram conclusão favorável. Agentes diversos de um e de outro lado, surgiam impossibilitando a realização das partidas tão desejadas, e, ao mesmo tempo, tão

difíceis de se verem tratadas. Neste ano, porém, a coisa mudou de figura. Ambas as partes resolveram, não medindo sacrifícios, entrar em sérios entendimentos, para poderem ver as suas muitas aspirações concretizadas, a fim de, novamente, pisarem no gramado, prontos para medirem as suas forças esportivas, os velhos e tradicionais contendores: Pelotense e Gonzagueanos. Logo de início foram afastadas as primeiras dificuldades, com a organização de duas comissões, cada uma composta de sete alunos de cada ginásio. A comissão do Gonzaga, representativa do Esporte Clube Gonzaga, e a do Pelotense, do Grêmio dos Estudantes do Ginásio Pelotense, sendo que estas duas entidades delegaram aos seus representantes poderes absolutos, a fim de tratarem as partidas, e as bases em que as mesmas se realizariam. (Diário Popular, 23.08.1938, p. 5).

As duas escolas tinham suas torcidas femininas: para o Gonzaga torciam as meninas do Ginásio São José (católico) e para o Pelotense, grande parte da torcida era formada pelas alunas do Ginásio Santa Margarida (anglicano), além das alunas do próprio Colégio.

Provavelmente a partir dos jogos que ocorreram em 1935 e 1938 é que se consolidou a presença das torcidas organizadas no meio estudantil pelotense. Como se tornou uma tradição em Pelotas torcer para os times do Pelotense ou do Gonzaga, as demais escolas da cidade defendiam as cores de um ou de outro ginásio. Portanto, quando ocorriam competições esportivas entre outras instituições de ensino, lá também estavam as torcidas organizadas dos Gatos Pelados e dos Galinhas Gordas para cantarem seus improvisos, estimulando suas equipes favoritas.<sup>4</sup>

No Pe-Gon de 1938 quase todos os jogadores dos dois times pertenciam a clubes de futebol da cidade. No primeiro jogo saiu vencedor o Pelotense. No segundo, o Gonzaga. O terceiro e decisivo jogo foi vencido pelo Pelotense. Todos os jogos eram prestigiados pela destacada figura da madrinha. A figura da madrinha representava um pouco do glamour e simpatia femininos no universo masculino dos jogos de futebol. Ela era escolhida através de uma votação entre os representantes do Grêmio estudantil das escolas. Uma comissão de rapazes fazia o convite oficial aos pais da moça e, nesse momento, geralmente eram fotografados pelas câmeras de algum jornal local.

Empolgados com esses jogos, os veteranos, antigos alunos do Pelotense e do Gonzaga, também realizaram em seguida um campeonato no campo do Esporte Clube Pelotas, no estilo “melhor de três”. E, para lavar a alma dos Galinhas Gordas, que amargavam essa recente derrota para os Gatos Pelados, o time do Gonzaga acabou sendo o vencedor e levou a taça de prata “Dr. Francisco Araújo”, ofertada pelo filho desse que foi um dos fundadores do Ginásio Pelotense.

Nas inúmeras notícias sobre essas disputas, se percebe, nesse ano, um incentivo ao espírito de cordialidade entre as duas equipes e, principalmente, entre as torcidas. Constata-se que o comércio local foi também mobilizado, pois eram anunciados nos jornais os prêmios que vários estabelecimentos ofertavam aos jogadores: Casa

---

<sup>4</sup> Tal fato ocorreu, por exemplo, em 1941, quando as alunas do Ginásio São José jogaram com a equipe da Escola Complementar Assis Brasil, sua tradicional rival (Diário Popular, 06.08.1941).

Americana, uma gravata ao autor do último gol; Casa Paulista, um finíssimo cinto ao marcador do primeiro ponto; Drograria Khautz, um vidro de excelente loção ao melhor da defesa; Chapelaria Pelotense, um lindo chapéu Panamá ao melhor “player” em campo; Restaurante Aimoré, uma garrafa de ótimo vinho ao maior goleador; Casa Clark, uma bola de primeira qualidade para a disputa do jogo; Casa Emira, um par de chuteiras de primeira qualidade ao autor do primeiro gol; Casa Levi, uma taça ao time vencedor; Companhia Geral de Acessórios - CGA, um belíssimo troféu; Casas Pernambucanas, um corte de tricolore ao autor do terceiro ponto da jogada; Casa Rádio, um receptor de cabeceira ao player que marcar um ponto de cabeça; Fotógrafo Robles, uma dúzia de fotografias ao jogador de mais “pinta” (Diário Popular, 30.11.1938, p. 5 e 02.12.1938, p. 5).<sup>5</sup> Sem dúvida, ao ofertarem prêmios aos jogadores de dois times tão queridos na cidade, essa se tornava uma forma simpática de anunciar os estabelecimentos comerciais e seus produtos.

A renda das bilheterias dos jogos foi dividida em iguais parcelas entre os dois ginásios para o custeio de alunos carentes, o que contou, logicamente, com o apreço geral.

No ano seguinte, depois das duas equipes terem excursionado à capital do estado para jogarem com outros times estudantis, ocorreu outro Pe-Gon também no sistema “melhor de três”. Mas nesse ano não se pôde observar o diálogo, a cordialidade e o cavalheirismo presentes nos jogos do ano anterior. Novamente o espírito de rivalidade e de revanche estava presente não só nos campos de futebol, mas entrava diariamente nos lares pelotenses através da imprensa diária... Antes de se realizarem os jogos, veio à tona, através dos jornais, uma reclamação já feita em anos anteriores, de que o Gonzaga omitia no capítulo esportivo das “Lembranças”, as vitórias do Pelotense sobre o Gonzaga nos anos de 1932, 1935 e 1938.<sup>6</sup> Em matérias jornalísticas (algumas pagas), fervorosos defensores de um e de outro time se manifestaram antes mesmo do início do campeonato. As brigas e divergências foram tantas que o último jogo do “melhor de três”, que sagraria o campeão ginásial de 1939, não chegou a ocorrer.

Observa-se que, a partir da década de 1930, a rivalidade nos campos de futebol entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas, incentivada em muito pelos ex-alunos, teve nos jornais locais um forte veículo para sua propagação. Tem-se a impressão de que essa era uma forma de o aluno egresso não deixar “a sua casa”, continuando a manter um forte vínculo com sua escola, torcendo por ela e até mesmo ainda jogando no seu time.

As negociações para que se realizasse um novo Pe-Gon foram reiniciadas somente em 1941. Houve dois Pe-Gon’s: a primeira partida foi jogada ainda em disputa pela “Taça de 1939”, cujos vencedores foram os Galinhas Gordas. Na segunda, em disputa pela “Taça de 1941”, os Gatos Pelados saíram vencedores. Em função de tal feito o Grêmio dos ex-alunos do Pelotense prestou uma homenagem aos campeões. Após muitos discursos, descerraram uma placa de prata no salão de honra do Ginásio, onde compareceram professores, alunos e amigos da casa.

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que, com o fechamento da CGA, tradicional revendedora de automóveis, no início do ano de 2002, destes estabelecimentos, somente restou em funcionamento a Farmácia Khautz.

<sup>6</sup> As “Lembranças” eram relatórios publicados anualmente pelo Colégio Gonzaga, onde constavam as atividades desenvolvidas pela escola, com inúmeras fotos, assim como os resultados obtidos pelos alunos no durante o ano letivo.



Mas antes que ocorresse esse Pe-Gon, ao longo do ano, os dois times, numa espécie de preparo técnico e tático, jogaram em outras cidades do estado, inclusive na capital. Essa é uma prática que se repetirá em outros anos. É interessante observar o quanto isso criava expectativa nos torcedores da cidade. No Diário Popular (28.08.1941, p. 6) lê-se o seguinte:

[...] foi ontem afixado em uma das paredes do Café Nacional, durante uma reunião de franca camaradagem dos ‘Gatos Pelados’, um quadro negro destinado a receber as notícias esportivas do Grêmio dos Estudantes do Ginásio Pelotense. Presentes o seu doador, antigo “Gato Pelado”, Domingos Átil Faviero, representantes do Grêmio e grande número dos seus associados, foi servida farta mesa de doces e líquidos em regozijo ao acontecimento.

O Café Nacional, atualmente Café Aquário, é um tradicional ponto de encontro que por gerações vem sendo freqüentado, principalmente, por homens da cidade de Pelotas. Eles formam um grupo deveras heterogêneo: uma mescla de intelectuais, políticos, comerciantes, aposentados, empresários, funcionários públicos, passando por mendigos e tipos folclóricos. O Café constitui-se em um democrático campo de discussões sobre os mais variados assuntos, onde todos têm em comum o gosto por contar ou ouvir histórias, verdadeiras ou não. Nesse sentido, ao apontarmos determinadas características do contexto urbano e cultural da cidade, Pesavento (2004) ressalta a importância de trabalhar com o imaginário urbano:

O que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. O imaginário urbano, como todo imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações urbanas. Estas se oferecem como um variado campo de investigação ao historiador. (Pesavento, 2004, p 35).

Na semana que antecedia a um Pe-Gon eram intensas as atividades dos Grêmios das duas escolas, tanto no que dizia respeito ao preparo físico e técnico dos seus jogadores, quanto no preparo e entusiasmo de suas torcidas. Esses embates estudantis se distinguiam dos demais jogos futebolísticos,

[...] no entusiasmo, no ardor, na combatividade e na lealdade com que os elementos de ambas as equipes sempre se fizeram possuidores.[...] O encontro de nossos dois tradicionais ginásios, foi sempre uma tarde esportiva festiva, em que, ao adentrarem em campo as equipes costumavam se fazer acompanhar por suas madrinhas, que no mesmo gramado, antes de iniciado o prélio, trocavam gentilezas, ofertando cestas de flores entre si. Logo após era entoado o Hino Nacional, cantado pelos “players” acompanhados pela imensa torcida. [...] As organizadas “torcidas” do Pelotense e do Gonzaga tinham seus animadores (dirigentes), verdadeiros “maestros” que se encarregavam de dirigir

e animar aquelas legiões de torcedores que acorriam aos gramados, usando dos mais variados recursos, tais como megafones, flautins, bandeiras, reco-recos, instrumentos de percussão, etc. (Parmagnani e Ruedell, 1995, p. 146 e 150).

Já foi dito que, por um tempo, o Pe-Gon chegou a ser equiparado ao Bra-Pel<sup>7</sup>, um clássico até os dias de hoje, em Pelotas. Em tais competições, houve partidas, inclusive, em que o jogo preliminar chegou a ser realizado por equipes titulares de Clubes de Primeira Divisão da Liga Pelotense de Futebol.

Pelo exposto se pode afirmar que, através dos Pe-Gon's, emergia o forte vínculo de identidade que alunos, ex-alunos e a própria comunidade pelotense estabeleciam com a “sua escola” e com o que ela representava em termos ideológicos. Numa época em que se vivia sob a sombra da Segunda Grande Guerra Mundial, em Pelotas, ocorria uma verdadeira “guerra” entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas, e o seu “campo de lutas”<sup>8</sup> eram os jornais, as ruas da cidade (através das passeatas estudantis dos Gatos Pelados) e, principalmente, os estádios de futebol.

Nessas competições futebolísticas foi de fundamental importância a participação dos ex-alunos. De certa forma, a sua presença e participação, principalmente através de suas Associações organizadas dentro das duas escolas, ao mesmo tempo em que fortalecia laços de identificação e pertença de todos com a comunidade escolar, congregando-os em torno de objetivos comuns, em muito contribuiu para que, em determinados momentos, se fortalecesse um espírito de competição e rivalidade entre os alunos do Pelotense e do Gonzaga.

Foi nesse clima de competição esportiva entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas que foram criados os seus hinos que serviram, inicialmente, para unir as torcidas e os times de futebol de cada ginásio. Embora com palavras e até mesmo frases muito semelhantes, como se pode observar a seguir, eles são um convite para despertar o espírito de luta de seus jogadores, incitando sua vontade de vencer:

#### **Hino dos Galinhas Gordas**

“Qual veterano no campo da luta  
Entras na arena para vencer  
Com confiança e fiel conduta  
De quem não sabe o que é perder.  
Galinha Gorda de peito erguido  
Mostra teu sangue e teu valor  
Que serás sempre o vencedor  
Vibrando ao vento  
Divisarás teu pavilhão aumentado  
De vitórias em vitórias vais aumentando  
O pedestal de tua glória!”<sup>9</sup>

#### **Hino dos Gatos Pelados**

“Avante, avante, para vencer  
E no campo da luta  
Vai mostrar teu valor  
Com coragem e ardor  
Gato Pelado,  
Rifão que tornou-se uma glória,  
Tu tens levado  
O nome do Colégio sempre à  
vitória.  
Gato Pelado, na tua marcha  
incessante,  
És o herói triunfante,  
Sempre e sempre amado!”<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Estas siglas correspondem aos tradicionais times profissionais da cidade: Grêmio Esportivo Brasil, fundado em 07.09.1911, e o Esporte Clube Pelotas, fundado em 11.08.1908.

<sup>8</sup> A expressão “campo de lutas” aparece nos Hinos dos Gatos Pelados e dos Galinhas Gordas.

<sup>9</sup> Hino do Galinha Gorda - Letra:Geraldo Faria; aMúsica: “Cisne Branco”.

<sup>10</sup> Hino do Gato Pelado, composto em 1938 por Ary Rego, Raul Iruzum e Anselmo Amaral; Música: “As Pastorinhas”, de Noel Rosa.

Os espaços onde se realizam os jogos se transformam em “*campos de lutas*”, em que os alunos que “*não sabem o que é perder*” devem “mostrar seu valor”, buscando a “vitória e a glória”. Os Gatos Pelados conclamam: “*avante, avante, para vencer*”, já os Galinhas Gordas alertam “*entras na arena para vencer [...] serás sempre o vencedor*”. Esses hinos eram cantados nos encontros esportivos servindo, portanto, para identificar o clima de competitividade que havia entre os alunos das duas escolas, fortalecendo uma identidade de grupo com o estabelecimento escolar ao qual pertenciam.

Como os gonzagueanos, com o fim das disputas futebolísticas, foram deixando de lado o apelido “Galinha Gorda”, o hino deixou de ser um dos referenciais de identificação do grupo. Mas em relação à “comunidade Gato Pelado” (alunos e professores), o seu hino passa a ser cantado em circunstâncias festivas e de celebrações de integração. Mesmo com a criação do Hino do Colégio Pelotense, no início da década de 1960, a sua maior identificação, até os dias de hoje, ainda é o “Hino dos Gatos Pelados”, cuja letra e melodia continua a emocionar e unir diversas gerações de alunos e professores desde a década de 1930. O hino emociona e une porque diz mais do que as palavras e a música. Ele remete ao sentimento de ter participado de um grupo, às vivências e emoções que foram compartilhadas. Representa, talvez, uma “fotografia sonora”, que faz voltar o tempo, trazendo uma alegre nostalgia.

### Palavras finais

Em relação às disputas futebolísticas, é certo que os Pe-Gon’s, além de incentivarem a competição entre os alunos e traduzirem um forte vínculo de identidade com os valores que cada escola representava, foram fundamentais na formação dos jovens que passaram por esses educandários, especialmente daqueles que participavam dos Grêmios estudantis. Pode-se destacar ao menos dois fatores que tiveram as disputas futebolísticas como geratriz.

O primeiro, diz respeito a todo um envolvimento e um aprendizado que extrapolava os limites da sala de aula e pouco tinha a ver com a tradicional formação escolar. Trata-se desde o gerenciamento, com todos os desdobramentos desse importantíssimo evento esportivo-cultural em que se transformaram os Pe-Gon’s, até o desenvolvimento das habilidades necessárias à defesa e manutenção de seus posicionamentos diante de toda a sociedade pelotense. Para tal, certamente, era preciso mais do que simples arroubos juvenis. Fazia-se necessário construir uma argumentação sólida, demonstrar uma firmeza de princípios e manter um senso de responsabilidade e cooperação que os impelia a ultrapassarem os limites inerentes à sua pouca idade.

O segundo, está relacionado aos ritos que estimulam o sentimento individual de pertença e que dão força à ação do grupo, do coletivo. A escolha e o convite oficial à madrinha do time, as negociações para a realização dos jogos, as reuniões para definir estratégias de defesa e/ou ataque, certamente têm papel fundamental na difusão e manutenção desse sentimento que transmite um aprendizado que irá permanecer em boa parte dos indivíduos que o vivenciaram.

Em relação ao significado e aos desdobramentos da rivalidade dos Gatos Pelados e dos Galinhas Gordas, questão que orientou o desenvolvimento desse estudo, pode-se afirmar que ela resultou da disputa política e ideológica, conseqüência de situações da conjuntura não só nacional como internacional, que envolviam a Igreja e a Maçonaria. E, mais além, dois projetos distintos para a manutenção da organização social vigente: um conservador, que pressupunha as imbricações entre Estado e Igreja, e outro alicerçado no ideário liberal, positivista e anti-clerical, que pretendia a modernização, laicização e secularização da sociedade. De qualquer modo, tanto um quanto outro eram projetos defendidos pelos segmentos mais privilegiados social e economicamente.

As disputas entre os Gatos Pelados e os Galinhas Gordas confirmam essa compreensão. Trata-se de alunos de duas instituições escolares que atendiam as elites, estabelecidas ou emergentes, respaldados por um ideário conservador e por um ideário com pretensões modernizantes.

Os desdobramentos dessa rivalidade, que passaram a fazer parte da cultura urbana de Pelotas, acarretaram pontos positivos, como a valorização do sentimento de pertencimento a um grupo assim como a participação da comunidade com relação às atividades escolares. Isso pode ter contribuído com a importância que a comunidade dá até hoje à formação escolar, provavelmente colaborando com a característica atual da cidade de ser um pólo educacional que conta com duas universidades, fruto de interesses ligados ao catolicismo e ao ensino laico.

Certamente não pode passar despercebido que a grande conseqüência da disputa que se estabeleceu entre o Pelotense e o Gonzaga foi a busca de superação da escola opositora, através da qualidade do ensino ministrado. Isso as impulsionou a um aprimoramento constante e, conseqüentemente, resultou, resguardadas as diferenças de suas propostas de ensino, em duas escolas de excelência para os padrões da época.

### Referências

AMARAL, Giana Lange do (org.). *Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história (1902-2002)*. Pelotas: Educat, 2002.

ARAÚJO, José C. S. e outros. Educação, Imprensa e Sociedade no Triângulo Mineiro: A Revista A Escola (1920-1921). In: *História da Educação/ASPHE*. FaE/UFPel. N°3, vol.2. Abril,1998. Ed. da UFPel.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. 2º ed. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão e leitura. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CORREIO MERCANTIL, 02.12.1911

DIÁRIO POPULAR, 23.08.1938; 30.11.1938; 02.12.1938; 06.08.1941;

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos.p. 111 a 153. In: PINSKI, C. (org.). *Fontes históricas*.São Paulo. Ed. Contexto, 2005

NÓVOA, António (org.). *As Organizações Escolares em Análise*. 2ºed. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. Inovação e História da Educação. *Teoria & Educação. Dossiê:História da Educação*, nº.6, p.210-220, 1992 Porto Alegre: Pannonica Editora.

MAGALHÃES, JUSTINO. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. *História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, Uberlândia, EDUFU, 2005. p. 91 a 103.

PARMAGNANI, Irm. Jacob José, RUEDELL, Otto. *Memorial do Colégio Gonzaga - Cem anos de Educação*. Porto Alegre: Gráfica Editora Pallotti, 1995.

PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SAVIANI, Dermeval. *História da idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

VEIGA, Cyntia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007

WERLE, Flávia . História das instituições escolares: de que se fala?. In: LOMBARDI, C.; NASCIMENTO, M. (orgs.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: HISTEDBR, PUCPR, UNICS, UEPG, 2004. p. 13 a 35.

Recebido em novembro de 2009

Aprovado em fevereiro de 2010